

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

CALISSON ARTHUR SOUSA ALVES

ACERVOS CERÂMICOS EM UBERLÂNDIA (MG):
uma proposta curatorial

Uberlândia, Minas Gerais

2018

CALISSON ARTHUR SOUSA ALVES

ACERVOS CERÂMICOS EM UBERLÂNDIA (MG):
uma proposta curatorial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica – como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.
Orientador: Prof. Dr. Renato Palumbo Dória.

UBERLÂNDIA

2018

CALISSON ARTHUR SOUSA ALVES

ACERVOS CERÂMICOS EM UBERLÂNDIA (MG):
uma proposta curatorial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica – como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Renato Palumbo Dória.

Uberlândia, 19 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Palumbo Dória (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia - MG

Prof.^a Dr.^a Maria Regina Rodrigues
Universidade Federal de Uberlândia - MG

Prof.^a Dr.^a Nikoleta Tzvetanova Kerinska
Universidade Federal de Uberlândia - MG

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos vão para o meu orientador, Prof. Renato Palumbo, por todo o conhecimento compartilhado, paciência e amizade na produção desta pesquisa.

Às Profas. Regina Rodrigues e Nikoleta Kerinska, pela valiosa contribuição nas práticas artísticas por mim vivenciadas no decorrer do curso, e por participarem de mais um momento marcante dessa trajetória, ao aceitarem o convite para serem membros da Banca de Defesa.

Ao Prof. Paulo Buenoz pelas horas de conversas e reflexões, tanto nas suas aulas quanto fora delas, que foram da maior importância para meu crescimento como estudante e pessoa.

Às instituições Museu Universitário de Arte – MunA, Museu do Índio, Museu de Arte Sacra e Museu Municipal de Uberlândia, pela colaboração no acesso às suas coleções durante a realização da pesquisa.

Meus agradecimentos especiais aos meus queridos amigos Andressa Santos, Barbara Franco, Vitória Venâncio e Bruno Lacerda, pelas experiências vividas.

Aos amigos do MUnA, Rodrigo Oliveira, Dani Dutra, Amanda Matar e Marina Diniz, pelo convívio e aprendizado dentro de um espaço tão significativo para a formação das pessoas.

À minha amiga Bárbara Teles, mulher cuja energia e entusiasmo estimularam inúmeras ações e movimentos tão necessários dentro da Universidade.

À Gabriela, que transpira empatia e poesia com sua arte, pelas palavras de incentivo e por compartilhar comigo uma sensibilidade inspiradora.

A Márcia Maria, Matheus B. Neves, Kainã Bragiola, Renan Marino, Lauana Gaspar, Larissa Ribeiro, Inara Marchi, Thiago Bertoni, Iorranya Rodrigues, Maíza Tuissi, Tales Abdalla, Ana Lara, Caroline Ozzy, Raphael Faria, Erico Teodorak, Arthur Velasco, Luiza D. Barra, Amanda Vieira, Victória Barão, Alexandre Melo, Giovanna A. Couto, Larissa Cavaton, Artur Ched, Rafael Rattis, Letícia Ferrucci, Humberto Torres, Thales Clementino, Douglas Lima, Bruno Marcitelli, Keynni Junior, Luyz Renó e Davi Brighenti pela amizade.

A todos os artistas-amigos e professores que me inspiraram ao longo desses anos e que participaram da construção – sobretudo através da desconstrução – do meu olhar, na busca da compreensão da multiplicidade de mundos e suas relações no campo da arte.

A todos, minha imensa admiração, respeito e gratidão.

GUARDAR

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela
iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília
por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado
por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso, melhor se guarda o vôo de um pássaro
Do que pássaros sem vôos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se
publica, por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.*

(Antônio Cícero)

RESUMO

A presente pesquisa teve como ponto de partida meu interesse pessoal pela prática dos processos cerâmicos, desenvolvidos por mim no Ateliê de Cerâmica do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação sobretudo da pesquisadora e artista Regina Rodrigues. Prática que se somou a realização de um estágio de três semestres, no Museu Universitário de Arte (MUnA), também da Universidade Federal de Uberlândia, espaço no qual pude conhecer a rotina da montagem de exposições e das questões curatoriais em torno das mesmas. Acúmulo de experiências (Ateliê de Cerâmica e MUnA) que resultam aqui em um projeto curatorial específico, a partir de um levantamento direto de peças em cerâmica conservadas em acervos públicos da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais.

Palavras-chave: Arte; Cerâmica; Curadoria; Acervos; Exposição.

ABSTRACT

The present research had as my starting point my personal interest in the practice of ceramic processes, developed by me in the Ceramic discipline of the Course of Visual Arts of the Federal University of Uberlândia, under the guidance of the researcher and artist Regina Rodrigues. This practice was followed by a three-semester internship at the University Museum of Art (MUnA), also at the Federal University of Uberlândia, where I was able to get acquainted with the routine of setting up exhibitions and curatorial issues around them. Accumulation of experiences (Ceramics practice and MUnA) that result here in a specific curatorial project, from a direct survey of ceramic pieces preserved in public collections of the city of Uberlândia, Minas Gerais.

Keywords: Art; Ceramics; Curatorship; Collections; Exhibition.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Segunda ocupação do espaço do MUnA, Loja de Cerâmica e Xaxim.

Figura 2 – Oficina de cerâmica da Universidade Federal de Uberlândia.

Figura 3 – Paineis cerâmicos localizados na entrada da sala 11-137 (Oficina de Cerâmica), do Bloco 11.

Figura 4 – Paineis cerâmicos localizados no Bloco 11.

Figura 5 – Paineis cerâmicos localizados no Bloco 11. Miguel dos Santos, *Vejo não vejo a luz*, 1984.

Figura 6 – Paineis cerâmicos produzidos no segundo semestre de 1986, pela turma do sétimo período do curso de Artes Plásticas.

Figura 7 – Oficina de cerâmica em 1986, durante a produção do painel cerâmico do Restaurante Universitário.

Figura 8 – Oficina de cerâmica em 1984.

Figura 9 – Exposição Duo, setembro de 2017.

Figura 10 – Joana dos Santos, *Sem título*, s.d. (Figura feminina; moringa).

Figura 11 – Miguel dos Santos, *Sem título*, s.d. (Figura antropozoomórfica).

Figura 12 – Hélio Siqueira, *Pietá*, 2001.

Figura 13 – Bonecas Karajá (Litoxokó) e peças antropomorfas, zoomorfas e míticas, Ilha do Bananal, TO.

Figura 14 – F. Freitas, Aracaju, SE. *Jesus Nazareno, Rei dos Nordestinos*, s.d.

Figura 15 – Pote da coleção Argemiro Costa, adquirida em 1984 pela Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Figura 16 – Amostras de terras retiradas das falésias de Nova Almeida, Serra, ES.

Figura 17 – Regina Rodrigues, *Prospecção*, 2015.

Figura 18 – Calisson Alves, *Sem título*, 2017.

Figura 19 – Larissa Ribeiro, *Morro Branco*, 2017.

Figura 20 – Vista superior com a disposição das obras na galeria.

Figura 21 – Vista 01, acervo do MUnA.

Figura 22 – Vista 02, acervo do Museu do Índio e Museu de Arte Sacra.

Figura 23 – Vista 03, acervo do Museu Municipal de Uberlândia.

Figura 24 – Vista 04, *Prospecção*, Regina Rodrigues.

Figura 25 – Vista 05, *Sem título*, Calisson Alves.

Figura 26 – Vista 06, *Morro Branco*, Larissa Ribeiro.

Figura 27 – Folder da exposição, externo.

Figura 28 – Folder da exposição, interno.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O ensino da Cerâmica na Universidade Federal de Uberlândia	17
2 Acervos cerâmicos em Uberlândia: uma proposta curatorial	25
2.1 Texto parede	26
2.2 Acervo do Museu Universitário de Arte – MUnA	27
2.3 Acervos histórico-culturais	30
2.4 Regina Rodrigues, Larissa Ribeiro e Calisson Alves: três artistas da Oficina de Cerâmica da UFU	33
2.5 Projeto expográfico e folder	37
Considerações finais	43
Referências	44
ANEXO	46
BANCO DE IMAGENS: Cerâmicas de coleções públicas de Uberlândia (MG)...	46

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como principal objetivo a realização de um projeto curatorial de uma exposição de peças cerâmicas, onde se apresentarão os resultados de uma pesquisa sobre os processos de concepção, desenvolvimento, pensamento e execução de uma exposição, evidenciando tendências da produção artística contemporânea de importantes ceramistas da região (envolvendo neste processo professores e alunos do curso de Artes Visuais da UFU) ao lado de peças de outras culturas e temporalidades. Para tal levamos em conta a possibilidade do empréstimo de peças cerâmicas pertencentes a acervos de variados museus de Uberlândia, como as do Museu Municipal de Uberlândia, do Museu do Índio e do Museu de Arte Sacra, somadas as peças do acervo do Museu Universitário de Arte (MUnA), em Uberlândia.

Sendo a finalidade da pesquisa a elaboração do aludido projeto curatorial, decidimos aqui, objetivando um maior amadurecimento da proposta, pensa-la especificamente para a galeria do MUnA, envolvendo desde a seleção das peças e artistas, projeto expográfico de concepção e montagem da exposição, seu texto curatorial e identidade visual, pretendendo, futuramente, a efetiva realização da mostra desta produção, refletindo sobre seus processos de criação e sobre, de modo mais amplo, o lugar da cerâmica no contexto artístico atual¹.

No caso das peças cerâmica pertencentes ao MUnA, é relevante que elas já tenham sido objeto de estudo de uma pesquisa de Mestrado no âmbito da própria Universidade Federal de Uberlândia, na qual se discute e se constata a “invisibilidade destas obras perante o restante da coleção” (ANDRADE, 2012, p.93). Invisibilidade esta que é altamente significativa, na medida em que o MUnA ocupa um espaço ressignificado ao longo de sua história, e o que hoje é uma galeria expositiva no seu passado serviu como um depósito comercial que tinha entre suas principais mercadorias justamente a cerâmica utilitária, sendo possível utilizar do imaterial resgate da própria memória histórica do espaço como elemento passível de curadoria (Figura 1).

¹ Uma das possibilidades é expor estas obras no MUnA, de acordo com a aprovação da proposta por meio de edital, para o calendário de exposições do museu, ou reorientando a concepção original para outros espaços expositivos públicos de Uberlândia e região, ainda a serem prospectados.



Figura 1 - Segunda ocupação do espaço do MUnA Loja de Cerâmica e Xaxim. Foto: Thomaz Harell, 1995

Em um cenário cultural no qual perdem-se as tradições que envolvem a “matéria primeira do homem” (RODRIGUES, 2011, p. 97), tivemos como um dos objetivos iniciais, a partir do contato do público com a variedade de peças levantadas na pesquisa e selecionadas para a mostra, contribuir com a necessidade de se pensar criticamente a produção cerâmica nas práticas artísticas contemporâneas, havendo uma nítida carência de pesquisas neste contexto. Sem deixar de enfrentar os conceitos e a emergência histórica de novas concepções artísticas, e considerando o pensamento de Guacira Waldeck², que visa a preservação de valores e tradições que “pudessem conter ou pelo menos não se dissolver inteiramente diante das inflexíveis forças modernizadoras da urbanização e do progresso” (2009, p. 36), favoreceremos a produção de novos significados, ao revisitarmos a persistência da noção de existência de uma fronteira entre cerâmica popular e artesanal, mirando na constituição de uma linguagem artística cerâmica

² Guacira Waldeck possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1979). Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia e Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Trabalhou na área técnica de projetos culturais da FUNARTE de 1986 até 1995. Pesquisadora do Centro Nacional de Cultura Popular do IPHAN desde 1995. As áreas de pesquisa compreendem os seguintes temas: arte e cultura popular, coleção e patrimônio. (Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4779827Z1>> Acesso em: 13 nov. 2017).

contemporânea – levando-se em conta ainda a emergência de um novo público para a construção de novas relações e significações na interpretação e fruição da unidade espaço e obra.

A ideia que a variedade de peças selecionadas para a mostra sugere não tem a intenção de questionar, a fim de minimizar ou extinguir as fronteiras dos conceitos existentes entre cerâmica popular, artesanal e utilitária da cerâmica como manifestação artística. A aproximação de objetos naturalmente compreendidos como artesanato, a outros seguramente pertencentes ao campo da arte, lança um olhar para os compartilhamentos que constroem e acompanham a evolução não só daquilo que é feito, como também daquele que o faz. Essa evolução ao longo do processo histórico, é lembrada e na arte pois “[...]ela se transforma de acordo com a realidade de quem a produz e reflete o tempo e o contexto cultural em que o artista vive.” (FAJARDO, 2002, p. 16). Para Ducasse (2005), no que se refere a etimologia dessas palavras, existe um ponto em comum onde suas definições se associam:

Arte e artesanato. É comum pensar que o segundo decorre da primeira e que o artesão tenha, etimologicamente, surgido depois do artista. Minha tendência seria confundir os dois - arte e artesanato, artista e artesão – numa mesma qualificação, o cuidado com a excelência e a procura de uma certa harmonia. Geralmente nossa tendência é confundir a arte e o belo. Não creio que a arte seja, necessariamente, a forma da expressão da beleza pura. (DUCASSE, 2005, p. 31).

O artesanato, com seus saberes aparentemente inflexíveis em relação as suas técnicas, materiais e estética, até pela temporalidade mais “lenta” da qual participa, expressa a identidade de um povo ou grupo social e cultural, que em sua necessidade de reinventar-se continuamente, faz arte ao reinventar também os modos de ver, perceber e estar em um mundo em constante transformação. Artesanato e arte se completando assim, quando expressão coletiva e pessoal se encontram enquanto processo criativo e construtivo.

O espaço expositivo escolhido para se pensar neste projeto curatorial é a galeria do Museu Universitário de Arte (MUnA), em razão da afinidade construída com o espaço, não só nas atividades ligadas às disciplinas ao longo do Curso de Artes Visuais da UFU, mas principalmente na intimidade estabelecida com o contato direto com as práticas fundamentais para o desenvolvimento de exposições, durante

um ano e meio fazendo parte de um projeto de extensão voltado para a produção, gestão e ação educativa do museu, servindo como um importante período de estudo e observação³. Utilizar como ferramenta o MUnA, como espaço de investigação, pesquisa e extensão, entendendo a produção de exposições como instrumento para permitir o acesso do público à sua coleção, e como meio de produção de reflexões e conhecimento para o visitante, é, enfim, contribuir com a democratização dos “mecanismos de acesso à arte como meio fundamental de construção do conhecimento e consolidação da vida cultural do País” (RAUSCHER, 2010, p. 40).

³ Projeto 14185 - Produção, gestão e ação educativa no MUnA, do Programa de apoio às ações institucionais e de bolsa de extensão na UFU.

1 O ensino da Cerâmica na Universidade Federal de Uberlândia

Reencontrar o valor das coisas perdidas, esse é um anseio do homem atual, atropelado em sua própria natureza pelo mundo com que diariamente se defronta. A cerâmica vem ao encontro do preenchimento desse elo tão gasto na ligação do homem com a realidade palpável (CIDRAES, 1987, p. 14).

Meu primeiro contato com a argila, ainda matéria plástica, em seu estado passível de modelagem, foi quando criança. Em Capinópolis, um pequeno município do interior de Minas Gerais, onde passei minha infância, morava bem próximo a uma fábrica que produzia telhas e tijolos em escala industrial, tendo fácil acesso ao local de depósito das peças, ainda cruas, que aguardavam a secagem para serem queimadas nos fornos de enormes chaminés. Ali encontrava telhas já quase secas, que careciam da adição de água – processo realizado várias vezes como brincadeira de criança no barro –, e outras no seu estado de plasticidade ideal para modelagem. Do que me lembro dessa primeira experiência de expressão tridimensional estavam tentativas de representação de simples figuras humanas e de animais. Ainda não tinha conhecimento das inúmeras técnicas em processos e diversificada utilidade ao longo da história da arte e do homem, em produtos como os dos povos da Mesopotâmia, onde, entre 4000 e 3500 a.C. surge a roda de oleiro; dos objetos em pasta egípcia; dos utilitários de primorosa decoração dos povos gregos feitos no torno, cada qual com suas finalidades específicas; das refinadas técnicas, de produção e queima das culturas orientais; dos vasos em forma de cabeças humanas com grau de realismo extraordinário dos povos Mochicas, cultura pré-incaica surgida no norte do Peru 1000 a.C.; nas cerâmicas dos primeiros grupos a ocuparem este território, como os índios da Ilha de Marajó, considerados nossos melhores ceramistas (MARTINS, 1973, p. 19); das cerâmicas de Picasso, Miró, Chagall entre outros, do século XX, aos ceramistas contemporâneos brasileiros.

O conhecimento desse acúmulo milenar de experiências, desde as primeiras intervenções do homem com este material aos dias de hoje, se deu aos poucos, a partir do ingresso, em 2014, no curso de Artes Visuais da UFU. Em um primeiro momento, nas aulas de história da arte, onde pouco se mencionava sobre cerâmica, além dos vasos dos gregos da era clássica. Em seguida, ainda no primeiro

semestre, nas aulas de fundamentos tridimensionais com o professor Gustavo Echenique Tarditti⁴, o primeiro contato – dessa vez no curso – com a cerâmica, foi em um trabalho técnico de modelagem e proporção. Ao falar da cerâmica na UFU, outro nome de absoluta relevância para as artes cerâmicas não só da universidade, mas da cerâmica brasileira, é o da professora Mary Di Iorio⁵, que colaborou desde a formação do Departamento de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia, em 1972, e foi chefe do Departamento até 1977, e montou a estrutura da Oficina de Cerâmica do curso (Figura 2) onde foi professora até se aposentar. No período em que estiveram à frente do departamento, com base nas suas conversações, relacionamento aluno-professor e produção no transcorrer das aulas de cerâmica nos primeiros anos do curso, reconhecem a importância de levar, para além dos limites da universidade, as potencialidades despertadas no desenvolvimento das artes cerâmicas, naquilo que eles chamam de “relacionamento universidade-professor-aluno-comunidade” (DI IORIO; TARDITTI, 1981, p. 17) - apensamento este que, materializado como exposição, coloca as artes cerâmicas no seu merecido espaço, porém ainda pouco explorado no campo das artes.

⁴ Gustavo Alberto Echenique Tarditti possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário do Triângulo (2004). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cerâmica, atuando principalmente nos seguintes temas: estética-expressão-desenho-automotivo, descaso-social-meio-ambiente, fotografia-movimento-luz, olhar- corpo-feminino e tridimensional-escultura. (Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4485790U6>> Acesso em: 17 out. 2018). Entre 1980 e 2015 foi professor de cerâmica na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

⁵ Mary Di Iório possui graduação no Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica pela Fundação Universidade Mineira de Arte (FUMA) em Belo Horizonte, MG. Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). De 1972 a 1986 lecionou como professora de cerâmica na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Como artista plástica utiliza a cerâmica como meio de expressão em obras nitidamente construtivas que interagem com o espaço (Disponível em: <http://www.marydiiorio.com.br/ceramica_port.htm> Acesso em: 17 out. 2018).



Figura 2 - Oficina de cerâmica da Universidade Federal de Uberlândia
Foto: Calisson Alves, 2017

É nesse mesmo período que a artista Regina Rodrigues dá início, na Universidade Federal de Uberlândia, sua vida acadêmica. Em 1979 ingressa no curso de Decoração, formando em 1981, e dois anos mais tarde se forma em Artes Plásticas, quando, imediatamente após a conclusão do curso, presta concurso e leciona durante dois anos como substituta da professora de cerâmica Mary Di Iorio.

A intensa produção cerâmica dessa época pode ser vista ainda hoje na universidade em alguns painéis cerâmicos instalados pelo campus (Figuras 3, 4, 5, 6, 7 e 8).



Figura 3 - Paineis cerâmico localizado na entrada da sala 11-137 (Oficina de Cerâmica), do Bloco 11. Dimensões 218 x 144 cm. Foto: Calisson Alves

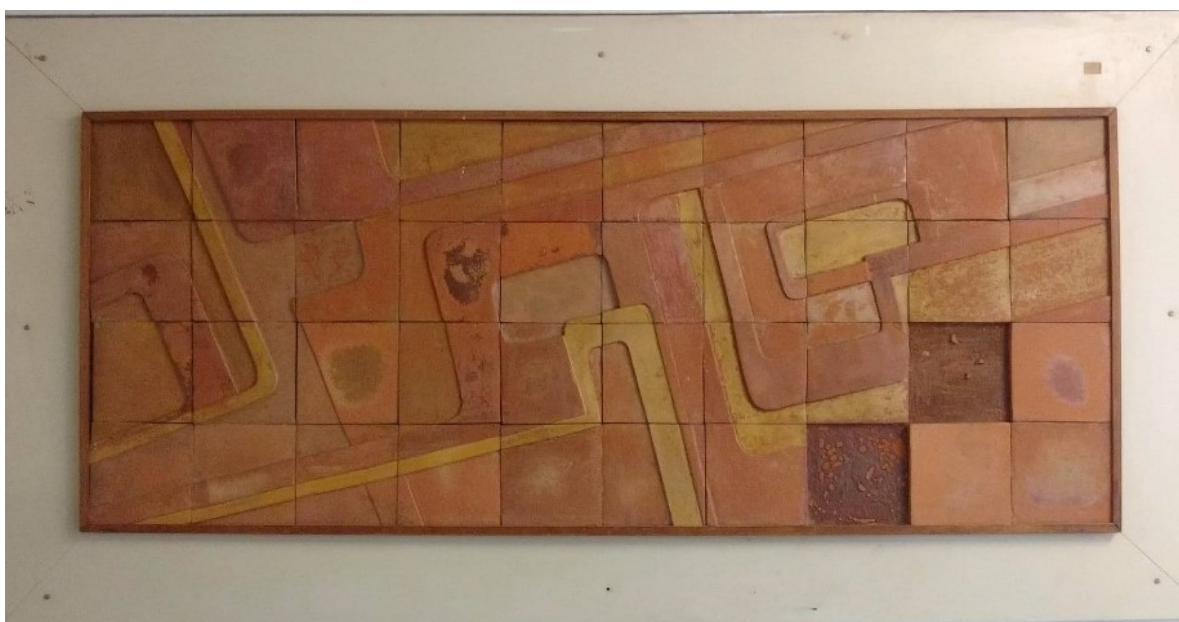


Figura 4 - Paineis cerâmico localizado no Bloco 11. Dimensões 76 x 185 cm. Foto: Calisson Alves



Figura 5 - Painel cerâmico localizado no Bloco 11.
Vejo não vejo a luz, 1984. Miguel dos Santos, Mary Di Iorio, Regina Rodrigues, Maria Beatriz, Elizabeth, Sandra Paiva, Sílvia Araújo, Márcia Cunha e Roseli Silva. Dimensões 85 x 180 cm.
Foto: Calisson Alves



Figura 6 - Painel cerâmico produzido no segundo semestre de 1986, pela turma do sétimo período do curso de Artes Plásticas, orientados pela Prof.ª Regina Rodrigues. Instalado em 27 de fevereiro de 1988, no antigo prédio do Restaurante Universitário da UFU.
Dimensões 180 x 900 cm. Foto: Calisson Alves



Figura 7 - Oficina de cerâmica em 1986, durante a produção do painel cerâmico do Restaurante Universitário. Fonte: Documentos de Regina Rodrigues. Foto cedida pela artista.



Figura 8 - Oficina de cerâmica em 1984. A frente, o artista convidado Miguel dos Santos e ao fundo, da esquerda para a direita, Roseli Silva, Regina Rodrigues e Mary Di Iorio. Fonte: Documentos de Regina Rodrigues. Foto cedida pela artista.

De 1992 a 2015, foi professora de cerâmica no Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Retorna em 2016 para a UFU, universidade onde cursou a graduação. Suas orientações na disciplina Ateliê de Cerâmica no primeiro semestre de 2016, propiciaram o despertar desse meu interesse pessoal pela prática dos processos cerâmicos, mediante a aproximação com os procedimentos e técnicas que só poderia ser conduzida, de maneira ímpar, pela vivência de uma professora-artista autora de uma produção significativa, com trabalhos que já foram expostos e premiados, em âmbito nacional e internacional. Para a pesquisadora Miriam Gabbai, “antes de entender e praticar as técnicas de cerâmica, é preciso compreender a ideologia do ceramista. O sucesso de uma obra não depende apenas da habilidade com que a fazemos, mas principalmente do ponto da qual a partimos: a ideia” (1987, p.11), portanto, podemos entender essa proximidade com aquilo que convoca às técnicas em uso e intenções colocadas na sua produção, como cruciais para o ensino das artes cerâmicas.

Fazem parte desse projeto, uma versão mais resolvida de trabalhos que juntamente com Larissa Ribeiro (também estudante do Curso de Artes Visuais) expomos em setembro de 2017 (Figura 9), no Laboratório Galeria do curso de Artes Visuais, espaço com infraestrutura adequada para apresentação das pesquisas desenvolvidas nas disciplinas do curso. Foi nesse cubo-branco de pouco mais de 50 m², e a vontade de expor trabalhos realizados na disciplina de ateliê, orientados por Rodrigues, que tive minha primeira e pequena experiência com curadoria.



Figura 9 - Exposição *Duo*, setembro de 2017
Foto: Calisson Alves

Observa-se que o desenvolvimento deste capítulo se baseia, em grande parte, nas experiências e afinidades construídas nas minhas relações diretas com esta história institucional em torno da cerâmica e sua dinâmica constante, sem deixar de reconhecer, a importância dos caminhos percorridos por outros docentes e artistas que atuaram neste âmbito.

2 Acervos cerâmicos em Uberlândia: uma proposta curatorial

Colecionar é contar estórias e histórias, e delas nos lembrarmos, fechando e abrindo caminhos. Ao longo de nossa vida estamos sempre decidindo, como colecionadores que somos (ainda que de afetos) sobre o que guardar ou descartar (DÓRIA, 2010, p. 7).

O exercício de compreensão ao qual o conteúdo de uma exposição nos instiga, configura a relação do museu com a comunidade na qual se insere. Processo este que é potencializado quando o público tem acesso e conhecimento do acervo que o museu abriga, criando assim vínculos mais fortes e permanentes entre museu e comunidade. Compondo parte desta exposição, além das peças do próprio acervo do MUnA, estão as peças cerâmicas escolhidas com o apoio, essencial para realização da pesquisa, do Museu do Índio da UFU, do Museu de Arte Sacra e do Museu Municipal de Uberlândia, que permitiram e facilitaram o acesso as suas coleções.

O Museu do Índio, que assim como o MUnA, está vinculado a UFU, possui um acervo composto por cerca de 2500 diferentes tipos de objetos de vários tipos e materiais, entre eles conjuntos de peças cerâmicas de vários grupos indígenas brasileiros – buscando, em suas ações, contribuir com uma maior conscientização quanto a preservação e a importância dessas culturas.

O Museu de Arte Sacra conta com uma coleção de vários objetos de contexto religioso e da cultura popular, doados por artistas, padres e igrejas da região, e que não se restringe apenas a religião católica, mas também conta com objetos de outras religiosidades presentes na nossa cultura, como as de origem africana e oriental.

Por último, em um edifício construído em 1917, situado na região que concentra grande parte do circuito cultural da cidade, o Museu Municipal de Uberlândia, de cunho histórico/antropológico, preserva a memória e a história da formação da cidade e região, em uma coleção com mais de 2800 objetos do cotidiano da vida rural e urbana. A maior parte dessa coleção pertencia a Argemiro Costa, que colecionou objetos antigos ao longo de sua vida, adquiridos pela Prefeitura após sua morte em 1984. Muitos de seus objetos, entre estes a cerâmica, nosso foco nesse levantamento, permanecem durante longos períodos

condicionados nas salas da reserva técnica do seu acervo, longe do contato com o público, infelizmente sem nunca terem sido expostas.

O ato de colecionar objetos pode ser entendido também como um “método de produção de conhecimento” (OBRIST, 2014, p. 55), e retirá-los do contexto em que foram produzidos e associa-los com outros em uma exposição, é o que pretende a curadoria, ao criar condições para que o público possa perceber novas possibilidades na apreciação das obras e as questões que as envolvem. Mais do que apenas guardar, é necessário que os museus, por meio dessas coleções, mantenham um constante e pertinente contato com a sociedade. Os exemplares dessas coleções selecionados para a exposição, uma pequena fração da vasta produção cerâmica brasileira, é uma instigante fonte de referência e reflexão sobre a cerâmica como expressão artística. O intercâmbio gerado entre esses museus e suas coleções, se assemelha/reflete ao intercâmbio das contribuições de técnicas e saberes existente entre os campos da cerâmica popular/artesanal e da cerâmica artística ao longo do tempo, e portanto, desse ponto de vista, a fronteira que separa estas práticas se torna irrelevante, e local não mais de separação e distinção. mas sim de diálogo e encontro.

2.1 Texto parede

A exposição *Acervos cerâmicos em Uberlândia* apresenta peças cerâmicas produzidas por importantes ceramistas atuantes na região do Triângulo Mineiro e de estudantes do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, contando também com exemplares provenientes das coleções do Museu do Índio, Museu de Arte Sacra e Museu Municipal de Uberlândia, expressando assim a riqueza de diferentes culturas, regiões e temporalidades.

Ao pensarmos em cerâmica, a referência inicial que temos é, em geral, a do artesanato, universo frequentemente desvalorizado. Aqui, no entanto, buscamos entender as peças expostas como manifestação eminentemente criativa, carregando em si questões que nos permitem conhecer a história, a memória e a cultura dos contextos em que foram produzidas - oferecendo-nos assim um olhar para o passado que nos permite pensar no hoje. A presente exposição, ao reativar estas

peças, recombinando-as com práticas mais contemporâneas, aponta-nos ainda um caminho para manter vivas e pulsantes essas coleções, permitindo-nos repensar o lugar da cerâmica no contexto artístico atual.

Mistura e encontro de peças provenientes de acervos históricos e artísticos que, se não expressa por completo a riqueza e pluralidade das potências da cerâmica, certamente nos permite refletir sobre a importância da proteção, conhecimento e divulgação dessas coleções, constituindo e reafirmando o papel da arte como instância privilegiada para o entendimento da nossa relação com o mundo.

2.2 Acervo do Museu Universitário de Arte – MUnA

Com o olhar para uma das questões que envolve as exposições do Museu Universitário de Arte da UFU, e o acesso do público ao seu considerável acervo - como já citado, pouco mostrado ultimamente -, selecionamos, a partir da pesquisa em uma coleção predominantemente bidimensional (sobretudo gravuras), as peças cerâmicas de Hélio Siqueira, Joana dos Santos e Miguel dos Santos.

Joana dos Santos, foi uma das mais antigas e respeitadas ceramistas do Vale do Jequitinhonha, região do nordeste do estado de Minas Gerais. A tradição do artesanato é mantida através das gerações de mulheres da região, conhecidas como paneleiras, e são as que produzem peças utilitárias comooringas, painéis, potes e vasilhas. No seu processo, a utilização de técnicas e ferramentas básicas para produção e decoração, como também nos rudimentares fornos a lenha utilizados, revelam a notável influência dos procedimentos do fazer indígena. A contribuição de Joana dos Santos para o artesanato local é vista como inovadora, sendo também responsável pela criação do Núcleo Cerâmico do município de Caraí, levando em conta sua facilidade em transmitir suas técnicas, conhecimentos e sua liberdade de expressão⁶.

O pote com forma de mulher (Figura 10), com suas duas partes (cabeça e corpo), formas e cores características do artesanato do Vale, e a simplicidade de um

⁶ MOURA, Antônio de Paiva. As Minas Gerais - O artesanato - O Vale do Jequitinhonha (Disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=95&codConteudoAtual=10263>> Acesso em: 24 out. 2018).

objeto com aspecto de um descomplicado brinquedo, parece deixar de lado sua função utilitária, transmitindo a princípio, o conteúdo lúdico da peça. A simples solução antropomorfa da artista, para um objeto utilitário de fins comerciais, representa bem a identidade, do conjunto de saberes que constrói a tradição de uma cultura.



Figura 10 - Joana dos Santos
***Sem título*, s.d. (Figura feminina; moringa)**
Escultura em cerâmica. 43,4 x 18,5 x 17 cm
Acervo do Museu Universitário de Arte
Fonte: www.muna.ufu.br

Natural de Caruaru, em Pernambuco, Miguel dos Santos (1944-), desde 1960 mora em João Pessoa, na Paraíba, onde tem seu ateliê. Conhecido no Brasil e no exterior por seus trabalhos de pintura e cerâmica, também produz esculturas em madeira e mármore. Em 1984, a convite da professora Mary Di Iorio, ministra um mini-curso de cerâmica no curso de Artes Plásticas da UFU, onde junto aos alunos, produzem o painel cerâmico mostrado anteriormente (Figuras 5 e 8). Na ocasião, realiza a doação do seu trabalho a Universidade.

Suas esculturas antropomorfas, dão forma a um universo fantástico das fantasias dos mitos nordestinos. A obra de Miguel dos Santos, que integra o acervo do MUnA (Figura 11), uma escultura meio pássaro, meio humano, que segundo o artista, representa uma Deusa Mãe, tem as cores e formas recorrentes em toda sua produção, nela percebemos também, a presença de uma certa influência das

máscaras ritualísticas africanas, presente nas suas peças de pequenas e grandes dimensões.



Figura 11 - Miguel dos Santos
Sem título, s.d. (Figura antropozoomórfica)
Cerâmica. 39 x 18,9 x 14 cm
Acervo do Museu Universitário de Arte
Fonte: www.muna.ufu.br

Nascido em Ouro Fino, Minas Gerais, o artista e produtor cultural, Hélio Siqueira (1950-), que além de transitar entre diversas linguagens artísticas como desenho, pintura, gravura e tecelagem, escolhe a cerâmica, no período em que foi professor de desenho e pintura no Departamento de Artes da UFU, de 1979 a 1990, onde por curiosidade, frequentava a oficina de cerâmica no seu tempo livre, tendo contato com o processo de criação, produção e os ensinamentos da professora e artista Mary Di Iorio, essenciais para sua produção mais tarde.

Mantém em Uberaba, desde 1986, juntamente com o artista Paulo Miranda, seu ateliê como um centro cultural, onde produzem cerâmicas, tecelagens e pinturas, e promovem mostras temporárias de arte contemporânea, palestras, cursos e oficinas. O espaço abriga uma grande mostra permanente do trabalho dos dois artistas.

A presença física de suas esculturas, em certos trabalhos, considerando sua dimensão, nos confronta fisicamente, percebemos seu peso e expressividade no trato bruto de aspecto que beira às formas primitivas, trato esse que, seja ele na

intenção direta do artista, ou da própria ação do fogo que dá coloração imprevisível a cada trabalho. Vemos em sua obra, a temática do sagrado bastante presente, influência de sua infância junto as cerimônias, procissões e esculturas de santos nos altares da igreja católica. Sua *Pietá* (Figura 12), com toda sua carga de dramaticidade nas expressões do trato rústico de aparência inacabada, dispara no espectador um certo imaginário primitivo, como também “à ideia de obra como algo inconcluso associa-se a possibilidade de ela evocar sempre novas interpretações ou outras ressignificações” (LOPES, 2003, p. 57).



Figura 12 - Hélio Siqueira
***Pietá*, 2001**
Escultura em cerâmica. 104,5 x 46 x 31,5 cm
Acervo do Museu Universitário de Arte
Fonte: www.muna.ufu.br

2.3 Acervos histórico-culturais

O fazer cerâmico de algumas culturas de épocas passadas também se faz presente, por meio da colaboração de outros museus da cidade, ao apresentarem exemplares de suas coleções (Figuras 13, 14 e 15).

Ao longo do tempo, objetos de grupos indígenas desta terra, do artesanato popular e antigos objetos usados no cotidiano de seus povos, em seus diálogos e compartilhamentos produziram - e ainda criam - a nossa rica e nada homogênea cultura. A cerâmica, devido à forte presença no ambiente e facilidade de seu manuseio, foi uma das linguagens mais exploradas. Utilitários em sua origem, voltados para as pequenas necessidades do dia a dia daquele meio em que foi criado, hoje são os mais legítimos objetos que marcam as práticas consideradas artísticas, e mostra que o verdadeiro costume brasileiro que envolve a produção cerâmica, possa ter vindo dos povos que sempre estiveram aqui.

As relações criadas entre a produção tradicional, histórica e a contemporânea, vem no intuito de salientar as contribuições de conhecimentos entre os diversos meios de ofício do ceramista, ao mesmo tempo em que ressalta a necessidade do trabalho de conservação, preservação e principalmente o acesso do público a este patrimônio.



**Figura 13 - Bonecas Karajá (Litoxokó) e peças antropomorfas, zoomorfas e míticas,
Ilha do Bananal, TO
Acervo do Museu do Índio UFU
Fotos: Maikon Rangel**



**Figura 14 - F. Freitas, Aracaju, SE
Jesus Nazareno, Rei dos Nordestinos, s.d.
Coleção Pe. Rogério A. Alves
Foto: Museu de Arte Sacra**

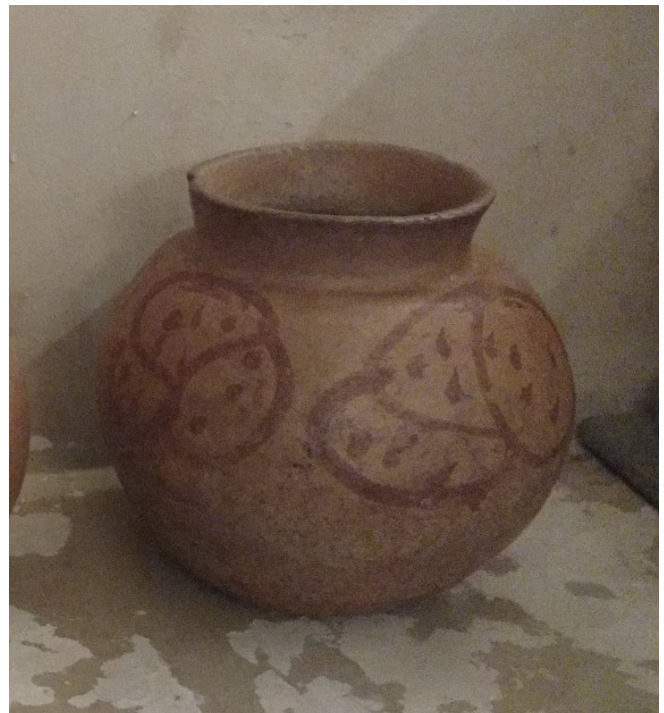


**Figura 15 - Pote da coleção Argemiro Costa, adquirida em 1984 pela
Prefeitura Municipal de Uberlândia
Acervo do Museu Municipal de Uberlândia
Foto: Calisson Alves**

2.4 Regina Rodrigues, Larissa Ribeiro e Calisson Alves: três artistas da Oficina de Cerâmica da UFU

O presente módulo traz peças produzidas no contexto da Oficina de Cerâmica do Curso de Artes Visuais da UFU. Contexto no qual pontifica o trabalho e trajetória da artista e educadora Regina Rodrigues, da qual Larissa Ribeiro e Calisson Alves foram alunos. Três trabalhos que apontam um recorte da recente produção cerâmica do Curso de Artes Visuais da UFU.

Regina Rodrigues (1959-), natural de Araguari, Minas Gerais. Em 1970, se muda pra Uberlândia, onde anos mais tarde viria a se formar nos cursos de Decoração e em seguida Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia, dando início a sua trajetória acadêmica.

Na sua pesquisa revela uma constante busca em entender o material do seu fazer como artista ceramista. Para a artista, “a vivência e a curiosidade são visivelmente as chaves para trabalhar com esse material. O conhecimento das técnicas aliado as experiencias anteriores permitem ao artista repensar, de maneira coerente e lúdica, a cerâmica contemporânea” (RODRIGUES, 2011, p. 97). Sobre essas experiencias anteriores, isto é, os entranhados conceitos de arte e artesanaria também presentes no decorrer dessa pesquisa, Tatiana Campagnaro Martins, em sua investigação do processo de criação de Rodrigues, complementa dizendo que “em seu envolvimento com os materiais e técnicas não existia uma hierarquia entre arte e artesanaria. Ela bebeu na fonte do saber artesão e utilizou esse fazer minucioso de maneira assumida transformando-o em arte” (MARTINS, 2016, p.154).

Pesquisas realizadas primeiro, na praia de Nova Almeida, na cidade de Serra, ES, e em um segundo momento, durante uma Licença Capacitação, na cidade de Montemor-o-Novo em Portugal, a artista escavou falésias, encostas e terrenos, coletando e testando amostras das diversas terras argilosas encontradas, a fim de investigar suas propriedades plásticas (Figura 16).



**Figura 16 - Amostras de terras retiradas das falésias de Nova Almeida, Serra, ES.
Material encontrado na Oficina de Cerâmica da UFES.
Fonte: Documentos de processo da artista.
Foto: Tatiana Campagnaro.**

A obra de Rodrigues, evidencia esse seu processo investigativo ligado a experimentação da cerâmica na interação de formas orgânicas incorporadas a outras materialidades, como tecelagem com fios de cobre, ferro e vidro. Em *Prospecção* (Figura 17), trabalho realizado em outras três ocasiões pela artista, e escolhido para fazer parte desta mostra, os vários delicados e finos rolinhos de argila crua, se apresentam inseridos em um corte escavado na parede da galeria. Conforme o próprio sentido da palavra, prospecção é o método ou técnica de localizar e avaliar jazidas minerais (FERREIRA, 2001), processo realizado pela artista na busca de entender matéria-prima a ser utilizada na sua produção, que desta vez, retorna inserida na parede escavada da galeria. Como se o traçado criado pela obra, fosse um registro das relações intrínsecas da artista com a matéria, que nortearam suas pesquisas.

E no MUnA, o vínculo criado com o espaço, seria objeto produtor de sentido a obra, visto que, assim como as escavações investigativas da artista nas encostas, serviram para nos dizer muito sobre a história do material e daquele lugar, desta vez, escavar a parede da galeria para inserção dos rolinhos de argila, revelaria parte da história daquele espaço, que no passado funcionou como uma loja de objetos cerâmicos.

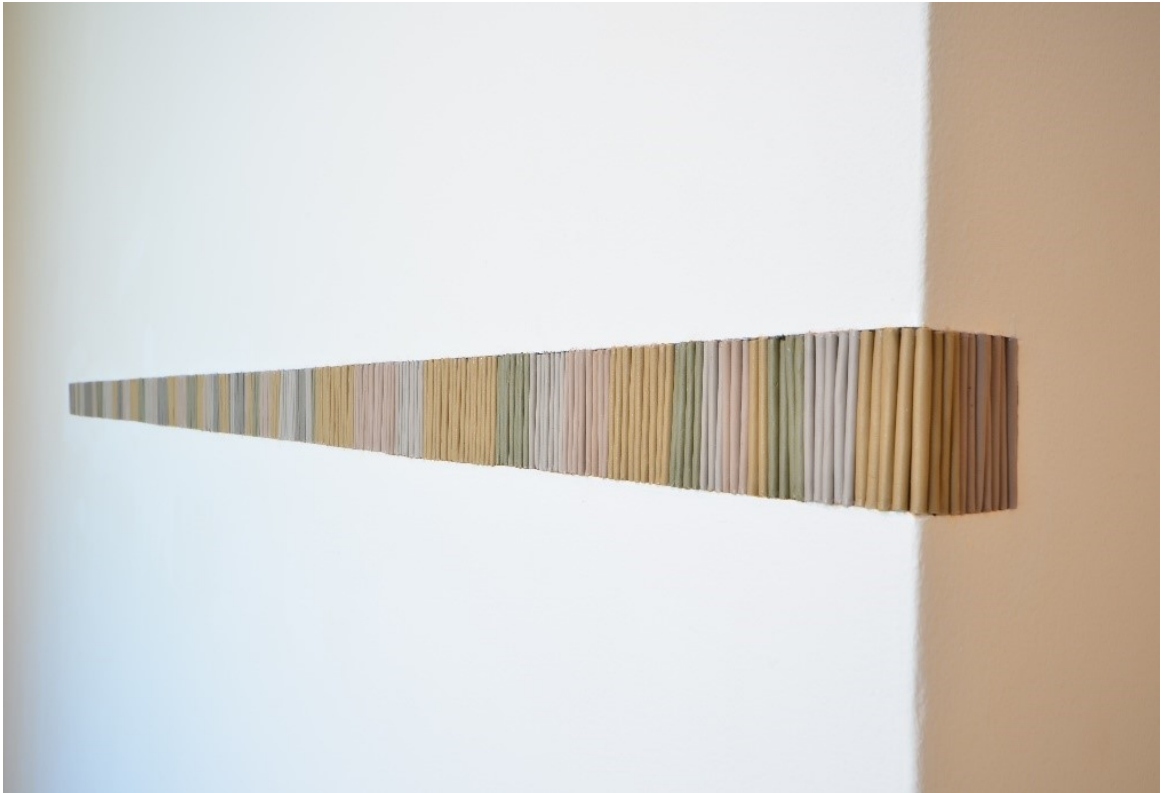


Figura 17 - Regina Rodrigues, *Prospecção*, 2015
Rolinhos de argila fixados no interior da parede
Exposição *Uma Oleira de Vida Inteira*, set. 2015,
Galeria de Arte Espaço Universitário, Vitória, ES
Foto: Ari Oliveira

Incluir meu próprio trabalho nesta exposição, se aproxima da proposta concebida pelo espanhol Gabriel Pérez-Barreiro, curador geral da 33ª edição da Bienal de São Paulo, vista como uma alternativa ousada para o modelo operacional de uma grande mostra como a Bienal, ao convidar sete artistas a atuarem como curadores, elaborando suas próprias exposições e através delas, oferecer sete diferentes modos de refletir sobre as relações construídas entre a arte e o público, repensando as práticas curatoriais ao destacar a contribuição desses artistas com seus próprios pontos de vista das vivências que movem sua produção.

Um trabalho de arte só se completa através da atividade de mediação com o público que a percebe e a interpreta. A forma como esse trabalho é apresentado (Figura 18), pouco comum na exibição de objetos tridimensionais, limita a completa observação das características individuais desses objetos, assim como o espectador muitas vezes pode não compreender o longo processo de criação e experimentação que cada um destes carregam, discorrendo apenas sobre aquilo que Cecília Almeida Salles, pesquisadora que dedica seus estudos ao processo de criação nas artes

visuais, chama de “mito da obra que já nasce pronta” (2008, p. 25). Um trabalho que ressalta, como seu ponto principal, toda a vivência na minha produção cerâmica durante o curso, e “criar a partir da vivência é a maior verdade impregnada na obra de arte” (BACHELARD, 1986, p. 12).



Figura 18 - Calisson Alves
Sem título, 2017
Cerâmica, dimensões variadas
Foto: Calisson Alves

Natural de Varginha, sul de Minas Gerais, Larissa Ribeiro (1995-), ingressa no curso de Artes Visuais da UFU em 2014, e também tem seu interesse pela cerâmica movidos pelos processos de Regina Rodrigues nas aulas da disciplina Ateliê de Cerâmica.

A influência de artistas como Celeida Tostes (1929-1995), que tinha como norte para sua produção, a relação do corpo com a matéria-prima - como por exemplo na performance *Ritos de Passagem* (1979) - está presente no trabalho *Morro Branco* (Figura 19) de Larissa Ribeiro, que, semelhante ao que fez Regina

Rodrigues nas suas investigações de solo, incorpora em seu trabalho areias coloridas trazidas de uma viagem feita a praia de Morro Branco, no Ceará.

Seu trabalho, sugere o registro de uma vivência, ao modelar o instante efêmero das marcas de pegadas deixadas quando caminhamos sobre a areia, marcas que podem ser um dos primeiros vestígios do contato do corpo com a matéria, e observar as marcas deixadas por onde passamos percebemos aquilo que somos. Assim como seu trabalho transmite, a relação íntima entre a artista, espaço, tempo, corpo e matéria que conduziram sua produção, ele também insinua a continuidade do longo caminho percorrido pelas manifestações e práticas cerâmicas presentes nesta mostra, e suas marcas no campo da arte.



Figura 19 - Larissa Ribeiro
Morro Branco, 2017
Areia sobre escultura cerâmica, 14 x 14 cm cada
Foto: Larissa Ribeiro

2.5 Projeto expográfico e folder

Expor é encontrar aliados na luta (MANET apud OBRIST, 2014, p. 52)

Seguindo critérios curatoriais cronológicos e históricos flexíveis, trabalhos históricos e de artistas conhecidos estarão ao lado de outros muito recentes, artistas

de considerável importância para a arte cerâmica da região ao lado de artistas iniciantes, dentre esses estudantes do Curso de Artes Visuais.

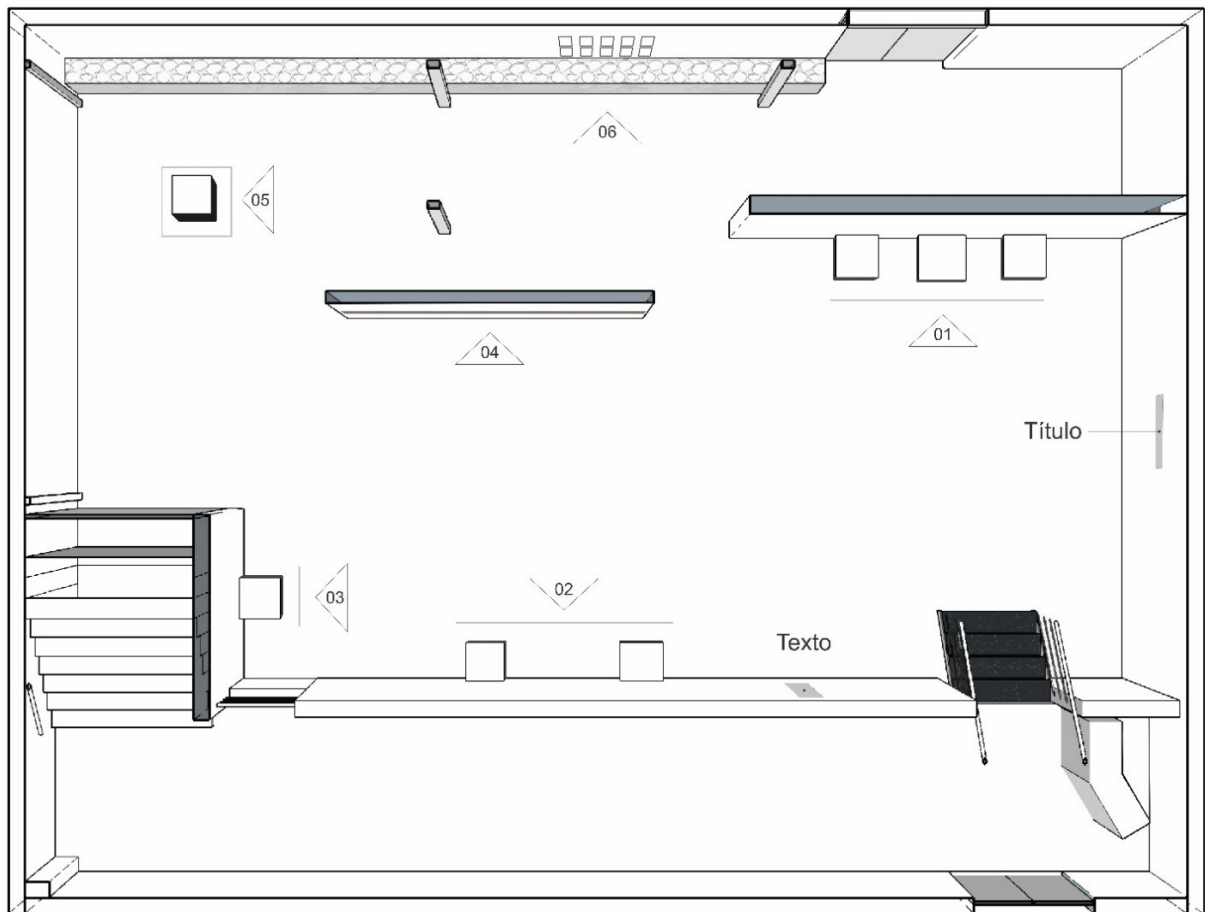


Figura 20 - Vista superior com a disposição das obras na galeria. Sem escala.

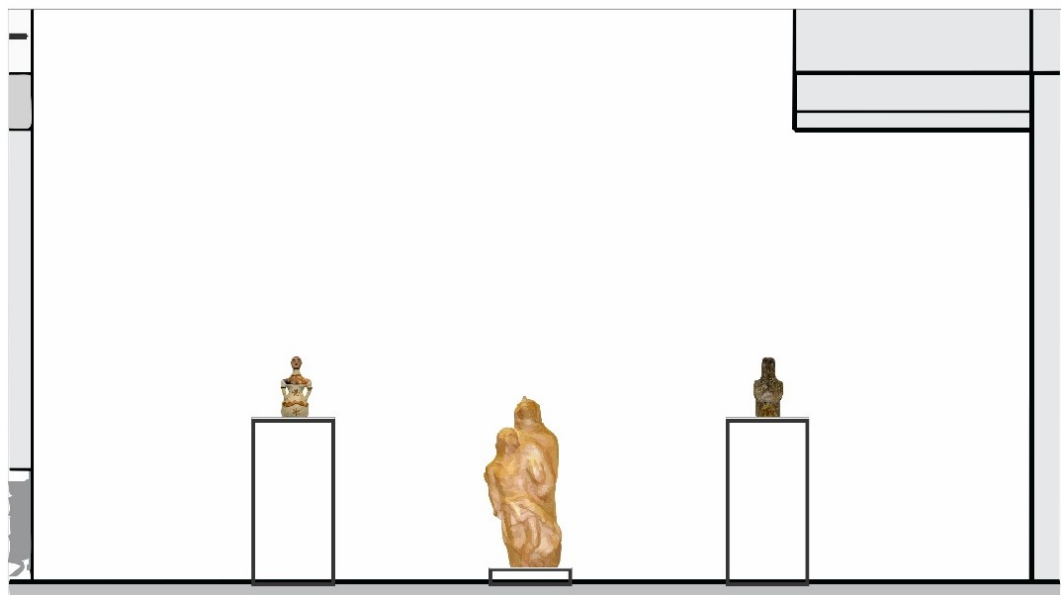


Figura 21 - Vista 01, acervo do MUnA. Sem escala.

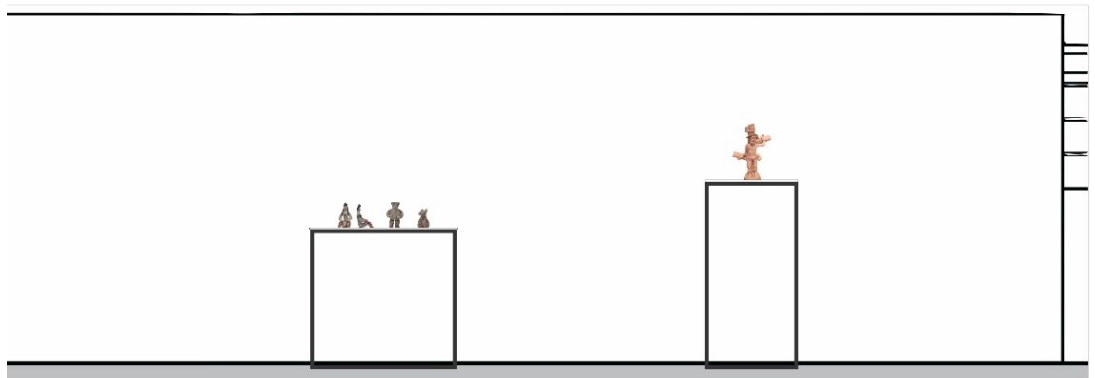


Figura 22 - Vista 02, acervo do Museu do Índio e Museu de Arte Sacra. Sem escala.

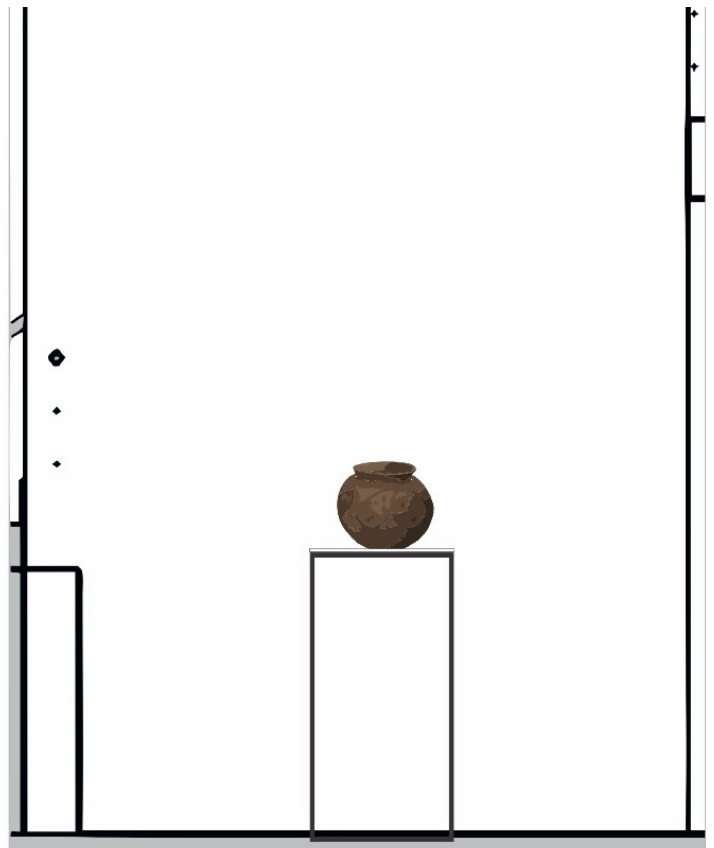


Figura 23 - Vista 03, acervo do Museu Municipal de Uberlândia. Sem escala.

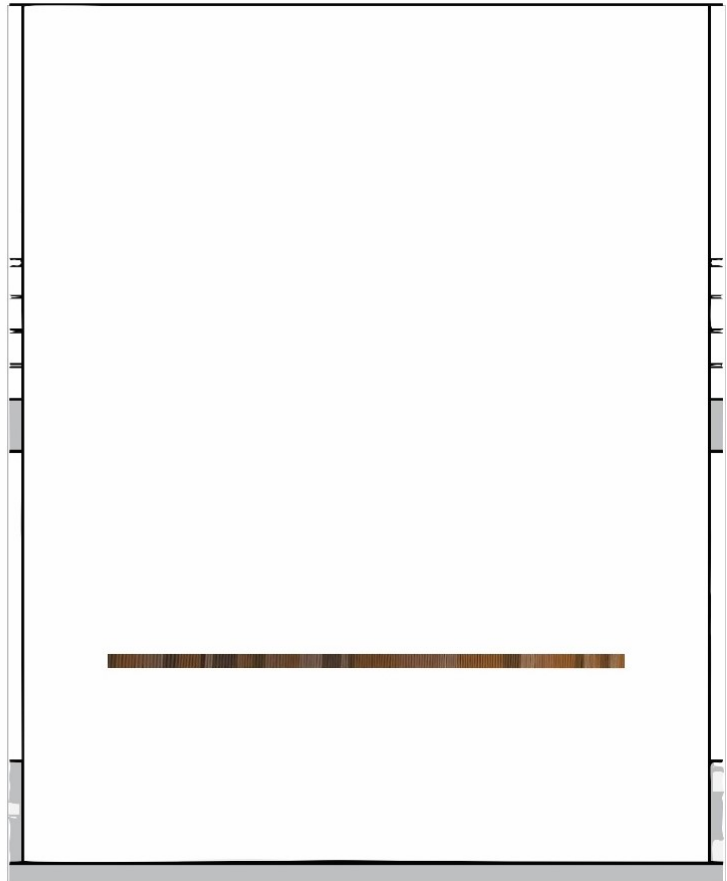


Figura 24 - Vista 04, *Prospecção*, Regina Rodrigues. Sem escala.

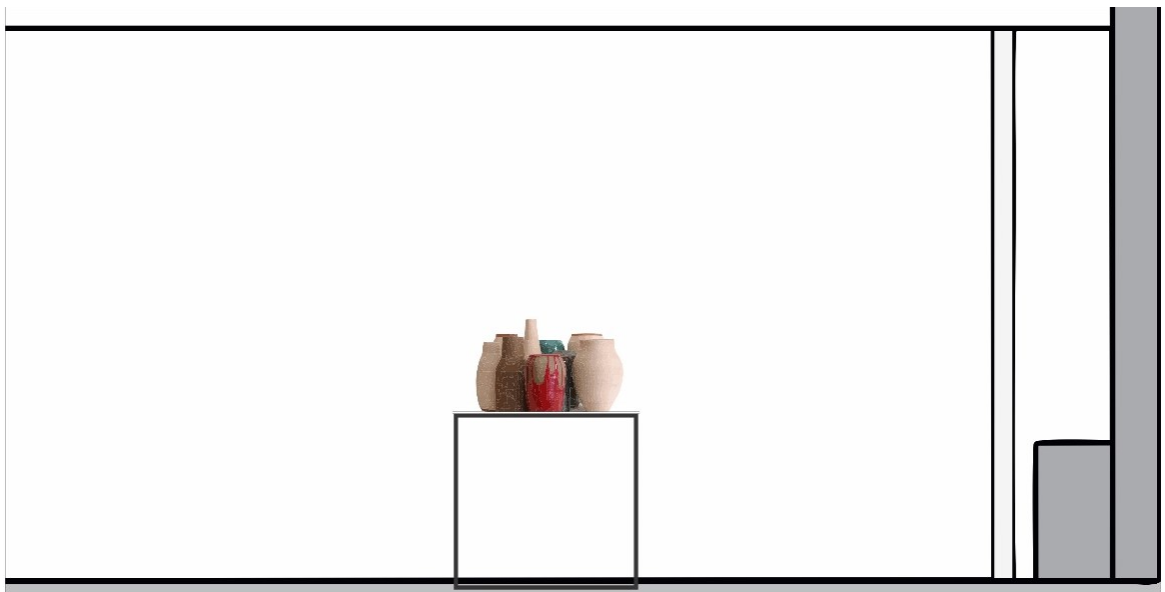


Figura 25 - Vista 05, *Sem título*, Calisson Alves. Sem escala.

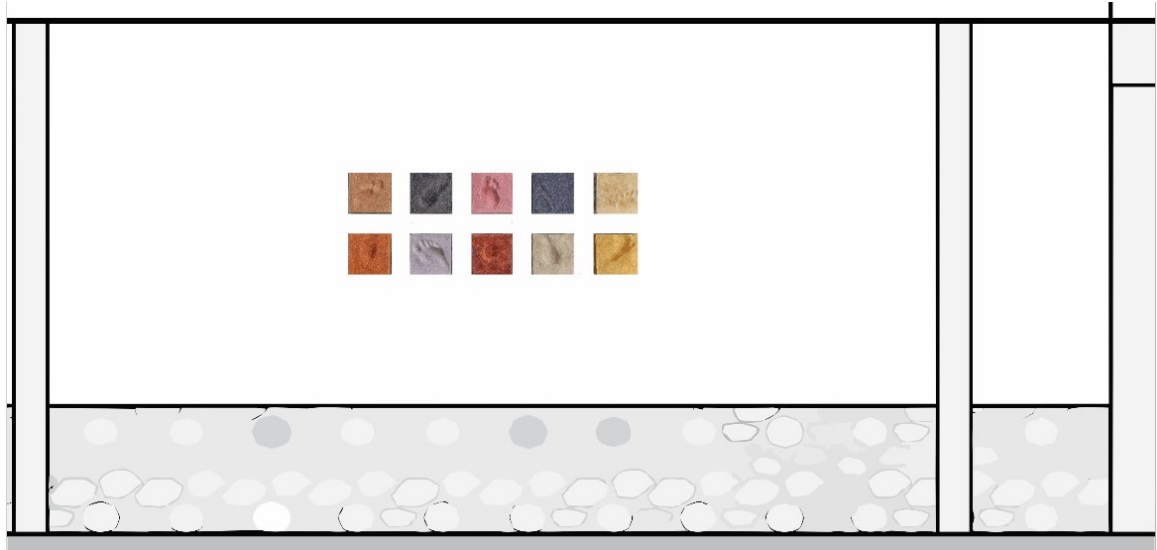


Figura 26 - Vista 06, *Morro Branco*, Larissa Ribeiro. Sem escala.

Acervos cerâmicos em Uberlândia

A exposição apresenta peças cerâmicas produzidas por importantes ceramistas atuantes na região do Triângulo Mineiro e de estudantes do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, contando também com exemplares provenientes das coleções do Museu do Índio, Museu de Arte Sacra e Museu Municipal de Uberlândia, expressando assim a riqueza de diferentes culturas, regiões e temporalidades.

Ao pensarmos em cerâmica, a referência inicial que temos é, em geral, a do artesanato, universo frequentemente desvalorizado. Aqui, no entanto, buscamos entender as peças expostas como manifestação eminentemente criativa, carregando em si questões que nos permitem conhecer a história, a memória e a cultura dos contextos em que foram produzidas - oferecendo-nos assim um olhar para o passado que nos permite pensar no hoje. A presente exposição, ao reativar estas peças, recombina-as com práticas mais contemporâneas, aponta-nos ainda um caminho para manter vivas e pulsantes essas coleções, permitindo-nos repensar o lugar da cerâmica no contexto artístico atual.

Segunda a quinta 8h30 às 18h30
Sexta 8h30 às 21h
Sábado 10h às 17h
 Entrada gratuita

Universidade Federal de Uberlândia
Valder Steffen Júnior
 Reitor
Orylando César Mantese
 Vice-reitor
Helder Eterno da Silveira
 Pró-reitor de Ensino, Cultura e Assuntos Estudantis
Alexandre José Molina
 Diretor de Cultura

Instituto de Artes
Dirutor
 César Adriano Tralidi
Coordenação do Curso de Artes Visuais
 Paulo Matos Angerami
Coordenação da Área de Artes Visuais
 Raquel Pinto Salimeno de Sá
Coordenação da Pós-graduação em Artes
 Renato Palumbo Dória

Museu Universitário de Arte
Coordenação
 Nicolau Kerniska
Secretaria
 Jacqueline Batista
Conselho gestor
 Renata Rangelier
 Douglas de Paula
 Rodrigo Freitas

Estagiários (bolistas DICULT)
 Amanda Queiroz Petar
 Calisson A. Alves
 Daniela Dutra
 Rodrigo Oliveira Santos
 Maria Cruz

Recepção
 Alessandra Silva
 Marcello Souza Oliveira
Serviços Gerais
 Ana Paula Oliveira Araújo

Praça Cicero Macedo, 309 - Bairro Fundinho
 Uberlândia, MG CEP 38400-216
 34 3231-9121 e 3231-7708
 muna@ufu.br

MUSEU UNIVERSITÁRIO DE ARTE MUNA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ACERVOS CERÂMICOS EM UBERLÂNDIA

12 abril a 18 maio 2019

Figura 27 – Folder exposição, externo.



1 Miguel dos Santos
Sem título, s.d.
Cerâmica
39 x 18,9 x 14 cm
Coleção do Museu
Universitário de Arte



→ Mistura e encontro de peças provenientes de acervos históricos e artísticos que, se não expressa por completo a riqueza e pluralidade das potências da cerâmica, certamente nos permite refletir sobre a importância da proteção, conhecimento e divulgação dessas coleções, constituindo e reafirmando o papel da arte como instância privilegiada para o entendimento da nossa relação com o mundo.

Calisson Alves | artista-curador



Figura 28 – Folder exposição, interno.

Considerações finais

A partir da pesquisa aqui apresentada, consideramos que há sempre novas investigações e questões a serem feitas. Portanto, cientes da existência de uma produção teórica relativamente pequena sobre a cerâmica como manifestação artística contemporânea, os empenhos após as várias etapas que constituem este projeto curatorial, têm como objetivo a efetiva realização da mostra, para que as reflexões aqui levantadas sejam reproduzidas, e que estas despertem novas leituras, como também incitem novas pesquisas relacionadas ao universo da cerâmica e dessas coleções de modo geral.

Ao conectar essas culturas aproximando-as umas das outras, estreitando as relações ou até mesmo dissolvendo as fronteiras entre o tradicional e o contemporâneo de alguns dos gestos artísticos da cerâmica, bem como, a potencialização dessas coleções ao combiná-las, sobretudo na busca de uma maior consciência da importância de sua preservação, estudo, ampliação e exibição, a curadoria se coloca como atividade determinante da função social de um museu, ao ditar a maneira como a instituição dialoga com o público da comunidade na qual se insere.

Por fim, gostaríamos de salientar que, por meio dos museus e a Universidade neste caso, gerando questões da aproximação da produção artística de docentes e estudantes aos outros universos que estas coleções pertencem, o compromisso da curadoria está em criar pontes entre o público, artistas, suas produções e acervos, na construção de propostas e discursos que busquem interações e reflexões, contribuindo para o desenvolvimento e consolidação da arte, reafirmando seu papel essencial e indispensável na formação da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Paula de. *MUnA e seu acervo: lugar de memória e esquecimento*. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 2. ed. Trad. José A. M. Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de C. Monteiro, Maria Isabel Raposo. São Paulo: Difel, 1986.

CIDRAES, Alberto. *Opção pela Cerâmica*. In: GABBAI, Miriam B. Birmann (Org.). *Cerâmica: Arte da Terra*. São Paulo: Callis, 1987.

DI IORIO, Mary; TARDITTI, Gustavo Echenique. *Artes Cerâmicas no Ensino*. Uberlândia: Editora Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

DÓRIA, Renato Palumbo. *MUSEUS E ACERVOS: uma apresentação*. In: LEHMKUHL, Luciene; DÓRIA, Renato Palumbo (Org.). *MUnA: Um acervo em exposição*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 7-11.

DUCASSE, Alain. *Ducasse de A a Z*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FAJARDO, Elias. *Tintas e texturas: oficina de artesanato*. São Paulo: Senac, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélios Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 600.

GABBAI, Miriam B. Birmann (Org.). *Cerâmica: Arte da Terra*. São Paulo: Callis, 1987.

LOPES, Almerinda da Silva. *Hélio Siqueira*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2003.

MARTINS, Saul. *Contribuição ao estudo científico do artesanato*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MARTINS, Tatiana Campagnaro. *Uma Oleira de Vida Inteira: processos e percursos na poética de Regina Rodrigues*. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) - Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

OBRIST, Hans Ulrich. *Caminhos da curadoria*. Tradução de Alyne Azuma. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014. 216 p.

RAUSCHER, Beatriz. *O MUSEU UNIVERSITÁRIO: laboratório de ensino e pesquisa*. In: LEHMKUHL, Luciene; DÓRIA, Renato Palumbo (Org.). *MUnA: Um acervo em exposição*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 31-40.

RODRIGUES, Maria Regina. *Cerâmica*. Vitória: UFES, 2011.

SALLES, Cecilia Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

WALDECK, Guacira. *Mestre Vitalino e artistas pernambucanos*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2009.

ANEXO

BANCO DE IMAGENS: Cerâmicas de coleções públicas de Uberlândia (MG)

As peças dispostas no presente Banco de Imagens representam a totalidade de peças levantadas e registradas ao longo da pesquisa. O projeto de curadoria apresentado acima se valeu, portanto, de uma pequena parte das peças levantadas, podendo o conjunto abaixo servir futuramente à novos projetos curatoriais e/ou de pesquisa. Há de se registrar, ainda, a possibilidade bastante concreta de haverem inúmeros acervos e peças cerâmicas ainda a serem descobertas no contexto do Triângulo Mineiro e regiões vizinhas.

Museu Universitário de Arte – MunA



Joana Gomes Santos
Sem título, s.d. (Figura feminina; moringa)
Escultura em cerâmica
43,4 x 18,5 x 17 cm



Miguel dos Santos
Sem título, s.d. (Figura antrozoomórfica)
 Cerâmica
 39 x 18,9 x 14 cm



Hélio Siqueira
Pietà, 2001
 Escultura em cerâmica
 104,5 x 46 x 31,5 cm



Kenia França
Sem título, 2012 (Figura feminina)
 Esculturas em argila
 18,5 x 13 x 15 cm e 17,5 x 11 x 10 cm

Museu de Arte Sacra - Diocese de Uberlândia



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
Lampadário, 2014
 Coleção Padre Rogério Alves



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
Nossa Senhora da Rosa Mística, 2014
 Coleção Padre Rogério Alves



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
Presépio, 2014
 Coleção Padre Rogério Alves



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
Aspersório, 2014
 Coleção Padre Rogério Alves



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
Burrico, monja e anjo cantor, 2014
 Coleção Padre Rogério Alves



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
São Bento, 2014
Coleção Padre Rogério Alves



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
Nossa Senhora da Conceição, s.d.
Coleção Padre Rogério Alves



Monjas Beneditinas de Uberaba - MG
Nossa Senhora de Aasebakken "pequena montanha" (Devoção dinamarquesa), s.d.
Coleção Padre Rogério Alves



F. Freitas
(Aracaju, SE)
Jesus Nazareno, Rei dos Nordestinos, s.d.
Coleção Pe. Rogério A. Alves



F. Freitas
(Aracaju, SE)
Presépio nordestino, s.d.
Coleção Pe. Rogério A. Alves



F. Freitas
(Aracaju, SE)
Santa Ceia nordestina, s.d.
Coleção Pe. Rogério A. Alves



Hélio Siqueira
Nossa Senhora dos Aflitos, 1997
 Escultura em cerâmica

Museu Municipal de Uberlândia



Exposição Nossas raízes - Sala "O fazedor e o fazendeiro nas fazendas"
 Coleção Argemiro Costa
 Foto: Calisson Alves



Exposição Nossas raízes - Sala "Lembranças aquecidas do cozer"
Coleção Argemiro Costa
Foto: Calisson Alves



Exposição Nossas raízes - Sala "Casa do comércio"
Coleção Argemiro Costa
Foto: Calisson Alves



“O museu visita o teatro - O que há por detrás dos objetos”
Exposição de objetos do acervo do Museu Municipal no hall do Teatro Municipal de Uberlândia
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves



Acervo do Museu Municipal
Coleção Argemiro Costa
Fotos: Calisson Alves

Museu do Índio



Coleção Maxakali – Vale do Mucurí, Minas Gerais
Constituída por objetos diversos, dentre os quais algumas peças em cerâmica
Fotos: Maikon Rangel



Coleção Bonecas Karajá (Litoxokó) – Ilha do Bananal, Tocantins
100 peças antropomorfas, zoomorfas e míticas
Fotos: Maikon Rangel



Peças Waujá – Parque do Xingu, Mato Grosso
Painéis zoomorfos
Fotos: Maikon Rangel



Potes Karajá – Ilha do Bananal, Tocantins
Foto: Maikon Rangel



Coleção Kadiwéu – Mato Grosso do Sul
Foto: Maikon Rangel



Coleção Terena – Mato Grosso do Sul
Foto: Maikon Rangel



Peça Asurini do Xingu – Estado do Pará
Foto: Milton dos Santos

Oficina Cultural de Uberlândia

Conjunto composto de seis peças cerâmicas produzidas pela artista Mary Di Iorio, expostas permanentemente no jardim da Oficina Cultural.





Mary Di Iorio
Sem título, s.d.
Cerâmica
Jardim da Oficina Cultural de Uberlândia
Foto: Calisson Alves